ANNO II — *Lisboa, 31 de agosto de 1900* — NUMERO 40

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

DIRECTOR *Michel'angelo Lambertini* — *39, Rua do Jardim do Regedor, 41* — EDITOR *Ernesto Vieira*

SUMMARIO — Jorge Pfeiffer — O sentimento nas artes — A musica na exposição de 1900 — Antonio Arroyo — Noticiario — Pizzicando — Notas soltas.

JORGE PFEIFFER

João Jorge Pfeiffer, filho de um fabricante de pianos socio da casa Pleyel, nasceu em Versalhes a 22 de dezembro de 1835. Sua mãe, a pianista Clara Pfeiffer, que tinha sido discipula de Kalkbrenner e de Chopin, dirigiu-lhe desde tenra edade o ensino musical, educando-o na tradição dos grandes mestres do piano.

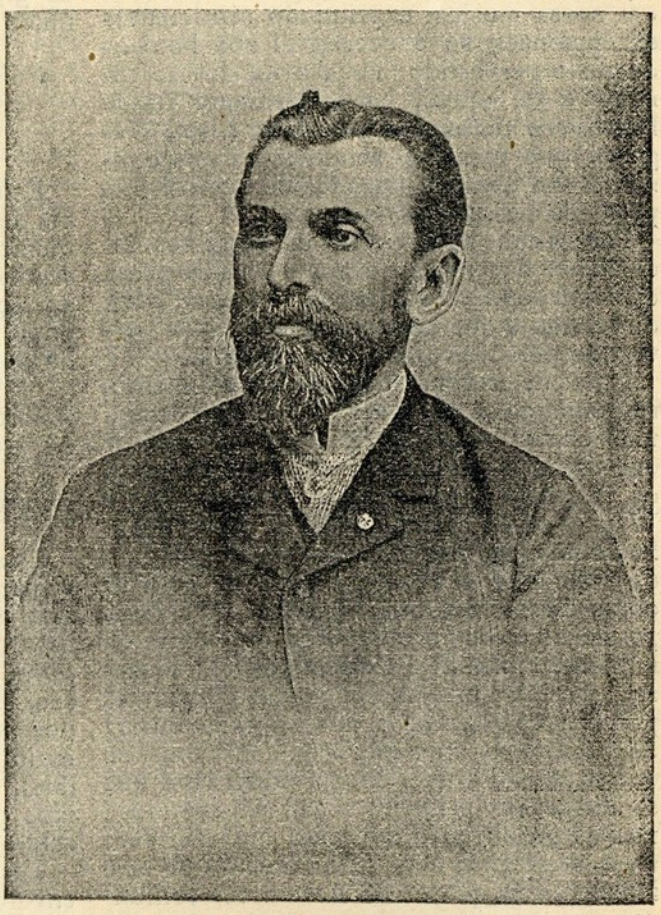
Desde muito novo que começou a manifestar-se concertista e compositor dotado de sérias qualidades. As suas primeiras composições importantes foram um trio para piano, violino e violoncello, dois concertos para piano e orchestra e uma pequena opera de sala intitulada *le Capitaine Roch*. Em 1862 foi calorosamente applaudido em Londres, firmando n'esse facto a sua reputação.

Desde essa época, trabalhando com extraordinaria actividade, produziu uma grande quantidade de obras em todos os generos, cujas principaes são: tres concertos para piano e orchestra; uma sonata para piano e violino; outra para piano e violoncello; um trio para piano, violino e violoncello; um quintetto para piano e instrumentos de cordas; symphonia para orchestra, «Allegro symphonico» para piano e orchestra; «Polaca» para piano; «Joanna d'Arc», poema para piano a quatro mãos; «Agar», scenas lyricas para vozes e orchestra; «Estudos» para piano, uma sonata para dois pianos e muitas outras composições de menor importancia.

O quintetto valeu-lhe o premio Chartier, concedido pela Academia de Bellas Artes, e com a sonata para dois pianos ganhou em 1878 o premio da Sociedade de compositores de musica.

Nos ultimos annos dirigia, na parte artistica, os trabalhos da grande fabrica de Pleyel na qual entrou para socio como seu pae.

M. Pougin fez d'elle a seguinte apreciação: «Artista dotado de um talento flexivel, de um espirito curioso e investigador, d'uma imaginação variada, M. Pfeiffer é ao mesmo tempo compositor notavel e concertista de elevadas tendencias, de um estylo



egualmente firme, elegante e inalteravel. As suas numerosas obras distinguem-se pela variedade melodica, pela fórma esmerada e pela felicidade com que encontra o effeito procurado, graças á sua excellente instrucção e habilidade.»

O Sentimento nas artes

Observações de esthetica musical

A musica, desde o tempo em que Platão a excluiu da sua republica, tem sido objecto de bem injustas accusações; attribuem-lhe defeitos, muitos d'elles sem fundamento. Por outro lado, concedem lhe generosamente qualidades que talvez lhe não pertençam.

Estas reflexoes foram-me suggeridas pelo livro do conde Tolstoi: «O que é a Arte», no qual se encontra — entre outras proposições contestaveis — a seguinte phrase: «A nossa musica, exprimindo sentimentos excepcionaes, só é accessivel aos homens de gosto pervertido. Toda a musica de camara e de opera, particularmente desde Beethoven (Schumann, Berlioz, Liszt, Wagner), que exprime sentimentos predominantes em homens atacados de nevrosismo, pertence a essa arte doentia.»

Parece-me haver aqui dois asertos inexactos: o primeiro é que a musica possa exprimir sentimentos (excepcionaes ou não); o segundo é que seja necessario estar pervertido pelo nevrosismo para gosal-a.

Antes de estudar a questão do sentimento, respondamos á accusação tão injusta levantada contra a musica. E' possivel admittir que todas as pessoas que estimam a musica de Beethoven, Schumann, Berlioz, Liszt e Wagner sejam desiquilibradas e pervertidas? Se assim é, fechem todas as salas, prohibam os concertos e theatros onde se gosa as obras d'esses mestres, visto serem logares perigosos e desmoralisadores. Mas como similhante affirmativa é insustentavel, reduza-se a questão a este ponto: alguns individuos, pervertidos e nervosos, procuram na musica uma excitação má; esta arte, como todas as outras, é susceptivel de a produzir visto que se dirige em primeiro logar aos sentidos; mas as producções musicaes que conveem a esses espiritos constituem fórmas de arte inferiores, as quaes não devem ser confundidas com as formas puras e elevadas que toda a arte póde offerecer ás intelligencias de egual categoria.

E' d'estas fórmas ideaes que vou occupar-me, inquirindo qual a parte de sentimento que ellas podem exprimir nas differentes artes e em especial na musica.

A opinião de Tolstoi acima enunciada não é unica; admitte-se correntemente que a musica é a linguagem sentimental por excellencia, que é propria para traduzir tudo o que palavra não exprime; mas quando se procura estabelecer o valor d'esta opinião, reconhece-se immediatamente que elle não é grande, pois que tal opinião se não baseia n'uma realidade, confunde modos differentes de expressão, revelando graves defeitos mesmo ao exame superficial da questão.

Se, antes de tudo, procurarmos a origem do sentimento — sem entrarmos em desenvolvimentos philosophicos que seriam aqui deslocados, — encontraremos tres elementos na sua producção e desenvolvimento: primeiro as causas determinantes; segundo o estado que ellas provocam no individuo; terceiro as consequencias d'esse estado. Por outro lado, temos á nossa disposição para traduzir este thema, seis grandes artes que os gregos, com o seu amor á symetria, tinham dividido em duas trilogias:

Pintura	Dansa
Esculptura	Musica
Architectura	Poesia

Esta divisão era baseada na circumstancia de que na primeira trilogia o artista communicava directamente com o publico, e na segunda precisava de interprete. Outras classificações teem sido propostas; eis uma que podia ser admittida, baseada sobre o genero de obras produzidas e comprehendendo:

As artes de idéas:	Poesia.
As artes de imagens:	Pintura, esculptura, architectura.
As artes de rythmo:	Dansa, musica.

Esta classificação destroe, é verdade, a symetria, e não é absoluta pois que uma arte póde utilisar-se de outra sem perder o caracter proprio (assim a pintura e a esculptura teem de invocar idéas para produzirem imagens; a musica serve-se ás vezes da poesia; a architectura foi chamada com muita propriedade «um rythmo petrificado»), mas limita bem os respectivos dominios para determinar as funcções de cada arte e mostrar-nos o seu caracter essencial.

Recordando o que ficou dito sobre o desenvolvimento do sentimento, ver-se-ha a possibilidade de reproduzir a successão dos factos (causas determinantes, estado e consequencias) ou um d'esses factos isoladamente. Das artes ao nosso dispôr, uma só reproduzirá a successão dos factos pelo en-

cadeamento das idéas; é a poesia. [1]. Ella nos dirá que forças, que successos determiram o despertar do sentimento, o estado em que ficou o individuo debaixo da sua influencia e os actos a que foi levado pelo seu impulso; tudo isto a pintura, esculptura e a musica sem programma deixam na sombra.

Exceptuando portanto a poesia, as outras artes só consideram o *estado* do individuo. Esse estado pode ser exterior ou interior; d'aqui duas ordens de manifestações, ás quaes correspondem, primeiro as artes de imagens (pintura, esculptura e architectura), depois as de rythmo (dansa e musica). Para explicar esta ultima phrase, vou apresentar certos factos muito importantes, que constituem o proprio fundo da questão que estudamos.

Qualquer mudança no estado de equilibrio de um individuo (como a apparição de um sentimento) determina n'elle uma disposição para se mover segundo um certo rythmo, e uma correspondente modificação nas attitudes; esta modificação exterior fornece a materia para as artes de imagens, e a mudança de movimento pertence ás artes de rythmo. Avaliaremos essa modificação por meio de uma operação intellectual facil de verificar, que é a seguinte: diante de uma obra de arte temos sempre presente no espirito, como uma especie de canon, o estado de um homem perfeitamente equilibrado, physica, moral e intellectualmente.

Com esta representação mental, feita de elementos anteriores e tão variados quantos são os individuos, comparamos a forma dada, e pela sua alteração julgamos o estado do ser que ella representa.

Para demonstrar tão claramente quanto possivel o que acabo de avançar, vou formular um thema e propol-o ás differentes artes.

Temos um homem ferido pela mais funda tristeza. Este sentimento, que intencionalmente supponho levado ao maior grau de intensidade, determinou uma modificação na sua attitude habitual, como ha pouco já disse, e como o esculptor nos vae mostrar. Com effeito, em logar do homem normal que todos os dias vemos e que temos na idéa, o que é que se apresenta á vista? Um ente cuja expressão é abatida: braços pendidos, cabeça inclinada; se está de pé, curvam-se-lhe as pernas imperceptivelmente; as feições estão descahidas, os cantos dos olhos e da boca abaixam-se concorrendo para a espressão melancolica do conjuncto. Todas as linhas traduzem a «forma» imposta pelo sentimento, sem que todavia nos deem o menor esclarecimento sobre a sua origem.

O pintor, pelo seu lado, representa a fórma pelo desenho, mas o que o impressiona principalmente é a côr, o que elle procura é a mistura ou opposição dos tons; o que elle aprecia é a combinação das tintas apresentando a natureza com a mais perfeita verdade. Sob a acção do sen pincel as feições do nosso modelo teem uma côr sombria, as mãos estão lividas, o olhar adquiriu uma expressão dolorosa; por vezes o vestuario e os cabellos em desordem denotarão o abandono de todos os cuidados externos, de tudo o que possa afastal-o da idéa fixa que o sustenta e o mata. Ao aspecto sombrio dos trajes lutuosos, accrescenta-se, para harmonisar o quadro, as côres mais tristes da natureza, obtendo-se assim que a impressão procurada attinja o maximo da intensidade.

A ultima e não menos interessante das tres artes, põe de parte o individuo mas reconstitue o seu meio; é como uma projecção d'elle mesmo na sua ausencia. No caso de que se trata, a arte do architecto consistirá na ornamentação das paredes, na disposição dos signaes de luto; aqui as luzes dos candelabros luctarão com a luz do dia, como a vida que se consome deixando sempre radiante a luz eterna, além um punhado de flôres dispersas pelo solo contribuirão para o aspecto funebre dos atrios.

Chegamos ás artes do rythmo.

Já notei, precedentemente que o individuo subjugado por um sentimento mostra disposição para se mover segundo um certo rythmo.

Mas o que é rythmo?

N'uma accepção muito larga póde dizer-se que é a divisão do tempo pelo movimento. O homem vivo possue sempre a faculdade de se mover, pois não ha repouso total senão na morte; emquanto vivemos agitamo-nos; o movimento póde ser virtual mas existe; além d'isso é equilibrado (excepto nos doentes e nos loucos): os nossos pensamentos, palavras e gestos ordenam-se n'uma certa harmonia, independente da nossa vontade. Este rythmo interno varía segundo os chamados «estados da alma», ou mais simplesmente diversidade de sentimentos; em certos povos exprime-se por uma mimica rapida e variada, constituindo o objecto da dansa e pantomima, que os gregos chamavam orchesis.

Agora consideremos de novo o individuo que tomámos para exemplo, e vejamos co-

[1] Não se trata aqui das séries de quadros reunidos para representarem o movimento de uma acção; nem da musica com programma ou auxiliada pela palavra.

mo elle se move. O sentimento que o afflige modificou-lhe o rythmo normal, os seus movimentos são lentos, o andar é frouxo, os gestos parecem feitos a custo, como se fossem julgados inuteis; pela série das suas attitudes molles, abandonadas, e como que vencidas, mostra-nos o rythmo correspondente ao seu estado e que resulta d'esse mesmo estado.

Eis, artisticamente, um novo principio de belleza, a manifestação de uma nova arte, revelando outra face do sentimento. Mas que succede? O nosso homem quebra o silencio, exprime o seu estado por meio de sons; obedecendo ao rythmo que o anima, procura na variedade da altura as modulações que mais se harmonisam com a expressão geral. Umas vezes os sons parecem surdos e prolongados como gemidos, outras sobem arrebatadamente para de novo cahirem no tom lastimoso. Aqui temos a musica. Sim, a propria musica. E' ella que se apodera d'estes elementos naturaes ministrados pela voz humana, ella, que, inspirada pelo rythmo intimo, tornado visivel pelos movimentos e audivel pelo grito ou pelo gemido, exprime o compasso interior que bate em cada um de nós, dando-lhe vida por meio do som.

Este é o facto primitivo; a musica amplifica-o, dá-lhe variedade, multiplica-o de mil maneiras, mas o ponto de partida é um só. Quatro ou cinco sons se produziram, a musica toma-os á sua conta, fixa-os n'um ponto da escala geral, agrupa-os d'um certo modo e chama-lhes um «desenho musical»; depois repete esse desenho, textualmente ou modificado. Eis uma symetria. Do desenho formado tira desenvolvimentos, altera os valores, contrae ou dilata o grupo; mas nunca teremos outra coisa senão sons rythmados.

Poder-se-hia dizer da musica que ella tem similhança com a arvore cujas raizes mergulhavam no seio do propheta adormecido, e que elevava para o ceu a maravilhosa ramaria. No coração do homem está a origem e a força da musica; é d'alli que ella nasce e se eleva; de quasi nada tem sido creadas obras immortaes, assignadas com os nomes de Bach, Mozart, Beethoven e tantos outros. Vemol-a librar-se tão alto e com tanto brilho que a julgamos vir do ceu.

Oh! arte divina que nos dás tanta consolação e tantas alegrias, como poderá haver quem te desconheça?

Mas ponha-se agora de parte toda a belleza da musica, ou melhor, trate-se de lhe prestar uma pequena homenagem, procurando conhecer o seu valor.

De todas as artes que examinámos, vimos que nenhuma nos dá a totalidade do sentimento, nenhuma o apresenta por assim dizer completo, mas apenas uma das suas faces e d'uma fórma vaga, indeterminada; porque, note-se bem, a palavra explicou, desde o principio d'este estudo, qual era a impressão que se tratava de traduzir, mas se não fosse ella, estariamos unicamente em presença de fórmas desenhadas e de sons rythmados.

Essas formas e esses sons não nos dariam mais do que vagos esclarecimentos sobre o sentimento do individuo apresentado; evidentemente, esse sentimento não poderia ser o da alegria, mas no emtanto nada de positivo saberiamos sobre o seu estado. Chama-se melancolia, saudade, desgosto, nostalgia? Quem o póde saber!

Se reflectirmos em todas estas circumstancias, veremos que assim como os nossos orgãos extrahem do fluxo sanguineo os elementos que lhe são necessarios para o seu funccionamento e belleza, as artes extrahem dos nossos sentimentos os principios da sua existencia; decompõem esses principios, e cada uma toma a parte que póde traduzir com os meios de que dispõe, tornando-a objecto do seu estudo e meditação.

E assim como se não póde tomar a parte pelo todo, tambem não se póde dizer que as artes traduzem o sentimento. Só a sua synthese nos poderia dar a idéa adequada; isoladamente, cada uma tem sua belleza propria, tirada dos termos da analyse e levada até aos limites da sua perfeição relativa. A phrase de Tolstoi e todas as analogas não são portanto justas, nem tão pouco o são, diga-se de passagem, aquellas que attribuem á musica o poder de invocar imagens ou idéas. A belleza musical consiste propriamente na riqueza do rythmo e do som; fóra d'isto não ha senão uma falsa declamação ou a transposição de uma arte para outra. E n'este ultimo caso cae-se na musica descriptiva, a qual, não tendo o auxilio de um programma, deixa os ouvintes aturdidos e desorientados. Com o programma, a idéa sae da palavra e não da musica, assim como na arte lyrica que é, como eu ha pouco disse, a synthese de todas as artes procurando recompôr pela reunião de todas as irradiações artisticas o foco primordial.

Só esta synthese, que alguns teem procurado crear, é que nos daria a expressão do todo. A architectura constituiria o meio; a forma impeccavel dos actores apresentaria estatuas vivas, tornadas mais perfeitas ainda pelas cores dos vestuarios; as suas attitudes e gestos dar-nos-hiam um rythmo harmonioso e a voz reproduziria a sua intima expressão, diffundindo ondas de poesia, repercutidas na sonoridade da orchestra.

Teriamos assim o prazer de encontrarmos reunidas as expressões sentimentaes,

mas mil vezes mais bellas e mais altas do que quando se manifestam isoladas; partes do nosso coração, reunidas e embellezadas por todas as artes, constituindo um todo maravilhoso! .. Que miragem, e... que sonho!

E todavia já teve realisação em tempos remotos. Foi posto em pratica por um povo que os modernos apostolos qualificam de semi barbaro, esse pequeno mas admiravel povo grego que fez da arte o fim unico da sua vida. Toda a existencia d'elle constitue uma completa obra de arte, que apresenta á humanidade uma expressão maravilhosa e unica.

«A Grecia legou ao mundo monumentos incomparaveis, tormento e delicia das edades futuras; da sua vida normal sahiram expontaneamente as artes, fundindo-se n'uma união harmoniosa. As Musas, como um cortejo mystico e radiante, com os seus thyrsos, lyras e offertas, circularam em volta do templo da vida, e tudo quando a humanidade tem feito depois d'isso em materia de arte não parece mais do que um fragmento encontrado, um pallido reflexo d'essa ronda maravilhosa.» [1]

Escolhi para concluir estas bellas palavras, na esperança de ver um dia o renascimento de tão explendido passado. Quando abandonarmos as preoccupações presentes, quando deixarmos de estar absorvidos por questões que parecem insoluveis, quando podermos gozar algum repouso, então, como um sol vivificador, voltará a Arte para o nosso seio, manifestará a sua presença pela sua divina obra, e deixarão de existir impios que lhe perguntem d'onde vem e o que quer.

Traducção.

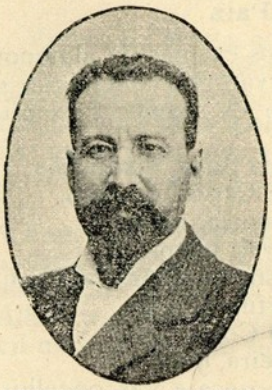
A Musica na Exposição de 1900

Expositores portuguezes premiados na classe 17. — Guitarras e outros instrumentos de cordas, medalha de oiro: Francisco Silverio. Medalhas de prata: João de Silva, Augusto Vieira, Antonio Duarte Mendes. Medalhas de bronze: João Pedro Garcia, Manuel dos Santos, José Caetano da Cruz. Instrumentos de vento, medalha de prata: Custodio Cardoso Pereira. Instrumentos asiaticos e africanos, medalhas de bronze: Chan Chong, Companhia do Loabo, Companhia da Zambezia, Companhia provincial de Angola, Companhia provincial de Moçambique, Companhia provincial de Timor, Manuel Maquengos.

[1] Ed. Schuré, «O Drama Musical».

GALERIA DOS NOSSOS

Antonio Arroyo



Não o conheces leitor? E' um bello homem espadaúdo e forte, barbicha loira e oculos dourados, mixto de professor allemão e de negociante inglez, docemente diluido tudo isso na graça simples de um authentico typo da nossa terra.

Polygrapho erudito e vivo, critico d'arte apaixonado e crente, orador fluente e imaginoso, o Porto sua terra deve de certo aprecial-o e querer-lhe; o que não impedirá de o achar de quando em quando um poucochinho paradoxal, e porventura um tudo nada iconoclasta.

Certa conferencia realisada sobre coisas d'esthetica parece que suscitou por lá polemica varia e opiniões estranhas; e, quanto aos seus pontos de vista em geral, por mim confesso que tambem me arrepiou a especie de juizo critico que em materia de musica elle formulou uma vez ácerca de Meyerbeer: — achei-o radical de mais.

Mas bem póde ser que tudo isso dependa do especial angulo de visão em que um e outro nos colloquemos, e só Deus sabe, se a Verdade não andará de permeio rindo-se escarninha dos respectivos exclusivismos de todos nós.

Como quer que seja, desde que se é sincero, e convictamente se expõe o que se pensa — e tal é o caso de Antonio Arroyo — até quando porventura se exaggera, se serve essa Verdade a que acima me reporto.

Parece contraproducente, mas é de todo o ponto exacto.

Antonio Arroyo por exemplo, será por vezes exclusivo, ou inteiriço em demasia, mas põe tal somma de ardor e de enthusiasmo nas theorias que expende que afinal nós concluimos entre convencidos e hypnotisados — que TALVEZ SEJA AQUILLO.

Feliz equação de pensamento e de acção, ainda agora mesmo teve em Paris ensejo de exemplificar o preceito de Horacio, e assim duplamente merece a nossa gratidão — e as nossas palmas.

Pelo que se o Porto não lhe regateia uma, Lisboa não se poupa ás outras, e o resto do paiz subscreverá a ambas.

Affonso Vargas.

Do Paiz

Terminaram a 17 os exames de alumnos extranhos ao Conservatorio, concluindo o curso geral de piano os seguintes examinandos :

Albertina Augusta da Silva, distincção.
Beatriz Adelaide de Carvalho, idem.
Beatriz da Silva Gouveia, idem.
Edelvira Lucilla Alves, idem.
Laura Augusta Cosmelli Cancella, idem.
Maria Adelaide Martins Costa.
Maria da Conceição Costa, idem.
Alice Pinto de Oliveira, 9 valores.
Ambrosina F. da Fonseca e Vasconcellos, idem.
Annizia da Piedade Coelho da Silva, idem.
Balbina Alice Ramos, idem.
Clotilde Adelaide da Silva, idem.
Lina Vianna Ruas, idem.
Margarida Adelaide Pereira Cidade, idem.
Rosa Maria da Silva, idem.
Alice d'Oliveira Leite, 8 valores.
Christina de Jesus Sant'Anna, idem.
Deolinda do Carmo Salles, idem.
Maria Carlota Borges da Costa, idem.
Maria E. da Fonseca Salter de Sousa, idem.
Narcisa Antonia Rodrigues, idem.
Ophelia Izilda Espiga Nunes, idem.
Regina Elisa Ramos, idem.
Virginia Amelia Corrêa dos Santos, idem.
Albertina Tavares, 7 valores.
Aldegundes A. Polycarpo Gonçalves, idem.
Amelie Vigeant, idem.
Elisa Sarah Ferreira Firmo, idem.
Emilia Ferreira Pereira do Carmo, idem.
Julia das Dores Antunes, idem.
Laura Granger, idem.

Só do curso de piano apresentaram-se nada menos de 313 alumnos, sendo :

223 simplesmente approvados ;
38 approvados com distincção ;
50 reprovados ;
2 desistentes.

313

Por esses numeros se vê que se não malbaratou a qualificação de *distincto*, que, em boa verdade, só deve ser concedida a quem mostrar aptidões especiaes e boa escola.

De outra fórma é desvalorisar o premio e animar a mediocridade.

*

Segundo informa o *Seculo*, para um dos logares vagos de professor auxiliar de rudimentos no Conservatorio, vae ser nomeado o sr. Augusto Carlos de Araujo, mestre da capella da Sé.

*

A melophobia é doença pouco vulgar, por isso merece registar-se o seguinte curioso caso ; um administrador de concelho proximo da Vidigueira publicou este edital : «F. . bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra e administrador do concelho de... por sua magestade el-rei que Deus guarde, etc. E' prohibido que quaesquer musicos se reunam, ainda mesmo em casas particulares, sem que façam parte de qualquer sociedade legalmente constituida, sob pena de serem autuados e apprehendidos os instrumentos, além de maior responsabilidade criminal em que possam incorrer ; e na mesma pena incorrem aquelles que em suas casas os consentirem, e os presidentes das sociedades a que julguem pertencer. E para constar, etc.»

Está claro que as entrelinhas d'este edital dizem mais respeito á politica do que á musica, mas o caso não deixa por isso de ser bastante comico.

*

Rey Colaço e M.me Sarti vão realisar no Casino de Cascaes uma serie de quatro concertos, que se effectuarão em todas as segundas feiras do mez de setembro, ás oito horas e tres quartos da noite. Os eminentes artistas são coadjuvados pelos amadores Cecil Makee, Augusto Gomes e D. Manuel Athouguia, distinctos violinistas discipulos do malogrado Victor Hussla, os quaes tomarão parte nos concertos.

Eis os programmas para os dois primeiros :

Segunda feira 3 de setembro : I — Beethoven, sonata em fá, para violino e piano, executada por Cecil Makee e Rey Colaço. — II — Chopin : *a*) E'tude ; *b*) *Nocturne ; c*) Andante spianato e Polonaise. Rey Colaço. — III — *a*) Beethoven, Adelaide ; *b*) Schumann, Ton image ; *c*) Haydn, Idylle. M.me Sarti. — IV — *a*) Rey Colaço, Fado ; *b*) Vianna da Motta, Cantiga d'amor ; *c*) Albeniz, Seguidille. Rey Colaço. — V — *a*) Tosti, In vano ; *b*) Pierné, Rieuse ; *c*) Denza, Dolce peccato ; *d*) Chrétien, Mirage. M.me Sarti.

Segunda feira 10 de setembro : I — Beethoven, Sonata em dó sustenido menor. Rey Colaço. — II — *a*) Martini, Plaisir d'amour ; *b*) Scarlatti, La Violette ; *c*) Mendelssonh, Chanson du Printemps ; *d*) Paesiello, La Zingarella. M.me Sarti. — III — *a*) Rameau, Gavotte varieé ; *b*) Scarlatti, Pastorale ; *c*)

Scarlatti, Capricio. Rey Colaço. — IV — *a*) Godard, L'Abandon, Minuit, para dois violinos. Augusto Gomes e D. Manuel d'Athouguia. — V — *a*) Fragerolle, La Glú ; *b*) Thomé, Une fable de Lafontaine ; *c*) Soubies, Dans les roses. M.me Sarti. —VI — *a*) Schubert, Impromptu et variations ; *b*) Strauss-Tansig, Valse Caprice. Rey Collaço.

Do Estrangeiro

O congresso da historia da Musica reunido em Paris, encerrou os seus trabalhos formulando os seguintes votos :

1.º Que as condições acusticas das salas de theatro e de concerto sejam estudadas e conhecidas pelos architectos de modo que possam estabelecer regras precisas para a construcção d'essas salas.

2.º Que os alumnos compositores sejam obrigados ao estudo da historia da musica e das obras dos musicos que os precederam, estudando a estructura e razão de ser d'essas obras.

3.º Que o proximo congresso não seja dividido em duas partes distinctas, mas que se reuna n'uma só assembléa comprehendendo duas secções : uma technica e outra historica.

4.º Que se organise uma sociedade internacional para que os cantos populares sejam recolhidos phonographicamente e centralisados de modo que possam tornar-se objecto de estudos sérios e investigações comparativas por parte dos musicos.

5.º Que se conserve a terminologia musical italiana para as principaes indicações de movimento e expressão.

6.º Que se faça uma edição das obras de Couperin ; que para educar o gosto do publico as obras primas da musica sejam executadas o melhor e mais frequentemente possivel.

7.º Que as obras musicaes sejam respeitadas pelos editores e pelos musicos ao seu serviço ; que quando uma composição musical seja simplificada para tornar a sua execução mais facil, a «simplificação» seja mencionada no titulo da obra assim como o nome do simplificador.

O voto 4.º teve já um principio de realisação, pois que o consul francez nas ilhas Hawai, possuidor de um phonographo, tirou diversos phonogrammas de cantos indigenas e enviou os a M. Malherbe, archivista da Opera de Paris e um dos enthusiastas propagadores da idéa.

*

O theatro do Convent-Garden em Londres vae ser reconstruido de modo que fique absolutamente livre do perigo de incendio ; desapparecerá da scena tudo quanto é madeira, consentindo-se unicamente o ferro, o cimento e o vidro. Outra notavel innovação vae ser introduzida no mesmo theatro : é que o serviço do scenario será todo feito por meio da electricidade e do vapor, substituindo a grande quantidade de machinistas que muitas vezes eram precisos para as manobras scenicas.

*

Vianna da Motta, que tão festejado foi em Weimar por occasião dos concertos que, associado a Busoni, realisou em honra de Liszt, como noticiamos no anterior numero, vae agora fazer uma conferencia sobre o decano dos pianistas francezes, Valentin Alkan.

Executará algumas composições d'este artista, empresa em que poucos se poderiam abalançar, porque as obras produzidas por Alkan pertencem á categoria da mais difficil musica que tem sido escripta para piano.

*

O theatro lyrico do Rio de Janeiro, onde começou agora a funccionar a grande companhia organisada pelo celebre empresario Sansone, recebeu melhoramentos que o tornaram um dos mais luxuosos theatros da America do Sul.

Entre esses melhoramentos figura a substituição do pano de boca por um riquissimo velario de seda com franjas do oiro, abrindo para os lados como cortinas.

No reportorio figuram as operas «Jupira» e «Saldunes», dos compositores brasileiros Francisco Braga e Leopoldo Miguez.

*

Reappareceu ultimamente n'um pequeno theatro de Italia a antiga farsa de Rossini — «Il signor Bruschino o Il figlio per azzardo» — despertando enorme enthusiasmo.

Esta farsa tinha-se representado pela primeira vez em Veneza no anno de 1813, na mesma época em que se cantou o «Tancredo».

Conta-se a respeito d'ella a seguinte anecdota : Rossini, despeitado por uma desconsideração qualquer que lhe fez o empresario, jurou vingança a seu modo, accumulando na sua composição toda a sorte de diabruras musicaes ; por exemplo, no allegro da symphonia, os violinos deviam, no primeiro tempo de cada compasso, bater com o arco no reverbero de lata collocado diante da luz de cada estante. O publico indignou-se com a troça e prorompeu n'uma tempestade medonha de assobios e pateada. Rossini rindo perdidamente, perguntou ao

empresario quanto tinha ganho em offendel-o.

*

O duque de Saxe-Cobourg, filho da rainha Victoria, que ha pouco falleceu, era eximio violinista e compositor talentoso. Quando ainda era novo e se intitulava apenas duque de Edimburgo, fundou, auxiliado pelo compositor sir Arthur Sullivan e por varios amadores pertencentes á mais alta sociedade ingleza, a «Associação Real de Orchestra para Amadores», e elle mesmo occupou muitas vezes o logar de primeiro violino n'essa orchestra. Em um dos concertos publicos que a associação realisou em Albert Hall, apresentou-se a solo, tocando o concerto de Spohr no famoso violino de Stradivarius que tinha pertencido ao rei Jorge III.

Foi tambem durante muitos annos protector da Academia Real de Musica de Londres, e deixou muitas composições que se imprimiram mas não foram entregues á publicidade.

*

Pablo Casals e o pianista Bauer tomaram parte nos dois ultimos concertos classicos realisados no casino de S. Sebastião.

Ambos foram enthusiasticamente applaudidos, com especialidade Casals, que apesar da sua pouca edade se póde já considerar uma das mais justas glorias da arte hespanhola.

N'esses concertos a orchestra, dirigida pelo nosso querido Goñi, executou o «Carnaval Romano» de Berlioz, a «Patria» de Bizet, a marcha solemne do «Lohengrin» e um «Scherzo» de Mendelssohn.

Temos presente jornaes de S. Sebastião que fazem os maiores elogios aos actuaes concertos classicos que regularmente se realisam todas as segundas feiras no Gran Casino.

*

Acha-se actualmente em Paris o proprietario da *Arte Musical*, o sr Michel'angelo Lambertini. Partiu para a mesma cidade, tencionando demorar-se alguns dias em S. Sebastião, o illustre pianista Ernani Braga.

*

Do jornal *A Provincia*, que se publica no Porto, extrahimos esta agradavel noticia sobre o nosso bom amigo Antonio Soller:

«Acabamos de saber que o «Hymno à la France» composição do nosso distincto pianista Antonio Soller, tivera em Paris o mais lisongeiro acolhimento.

«Esta composição foi executada, no meio de calorosos applausos de numeroso publico, que circumdava o coreto do pavilhão colonial portuguez, erecto na exposição de Paris.

«As bandas de musica dos regimentos 46 e 103 de linha, que contam para cima de sessenta e seis figuras, tambem já executaram, com grande applauso, aquelle hymno.

«Tambem vae ser executada a marcha «Patrie», do sr. Antonio Soller, e por elle dedicada, em vida, a Victor Hugo.»

PIZZICANDO...

Vaga um logar no Conservatorio.

Chovem pretendentes, movem-se empenhos (que são a maior força para o caso), sobe-se e desce-se escadas de repartições, faz-se *tagatés* ás pessoas influentes, deita-se quanta poeira seja possivel em olhos que já de si não vejam com muita clareza, alega-se direitos, precedencias, competencias, corre-se con afan seca e meca para obter padrinhos, captar benevolencias e até mover corações. Emfim: *fervet opus*.

Se o fervor empregado em obter o logar não arrefecesse no desempenho d'elle...

NOTAS SOLTAS

A Arte é a unica coisa inaccessivel á mentira. Filha do coração, da inspiração franca, a Arte não soffre o amalgama do falso, não se deixa violar, protesta, e se a falsidade triumpha, morre.

Michelet.

*

E' triste ver um individuo que professa uma arte ou uma sciencia, não a estudar até attingir a maior perfeição.

Cassianus.

*

O pianista deve unir ao mechanismo que executa, o pensamento que comprehende e vivifica.

Chopin.

*

A melodia é a essencia de musica.

R. Wagner.

*

O ouvido é a consciencia dos sons.

Baillot.